

PROCESSO DE IMUNIZAÇÃO E A COMPETÊNCIA DA ENFERMAGEM: UMA REVISÃO NARRATIVA

CRYSHNA LETICIA KIRCHESCH¹; PEDRO MARLON MARTTER MOURA²;
ISABELA JESSICA QUEIROZ BLAIR³; ANA DIAS DO AMARAL DOS SANTOS⁴;
TAIARA FONSECA DA SILVA⁵; SIDNEIA TESSMER CASARIN⁶

¹Bolsista de iniciação ao ensino da Universidade Federal de Pelotas. Acadêmica do 9º semestre de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas – cryslety@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marlon_martter@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – ijqb@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – anadamaral@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – taiara.ig@gmail.com

⁶Professora da Faculdade de Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas – stcasarin@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O processo de imunização é um dos mais belos e bem-sucedidos capítulos da história da área da saúde. A descoberta e o aperfeiçoamento das vacinas foram impulsionados por muitos fatores, sendo os de natureza psicossocial (o terror das epidemias) e os de natureza econômica (prejuízos em agricultura e veterinária) os mais importantes. Muitas conquistas, nesse campo, ocorreram devido a nomes como: Edward Jenner, médico britânico considerado o pai da imunologia; Louis Pasteur e Robert Koch que estabeleceram a relação causa/efeito entre a presença de microorganismos patogênicos e doenças; e Oswaldo Cruz, médico sanitário responsável pela organização da campanha de erradicação da varíola no Brasil (BRASIL, 2003).

No Brasil, em 1973, foi formulado o Programa Nacional de Imunizações (PNI), com o objetivo de coordenar as ações de imunizações que se caracterizavam, até então, pela descontinuidade, pelo caráter episódico e pela reduzida área de cobertura (BRASIL, 2008).

Em seguimento à erradicação da varíola, inicia-se em 1980 a 1ª campanha nacional de vacinação contra a poliomielite, com a meta de vacinar todas as crianças menores de 5 (cinco) anos. No ano de 1994, o Brasil e os demais países da região das Américas, receberam da Comissão Internacional a Certificação da Ausência de Circulação Autóctone do Poliovírus Selvagem nas Américas, ou seja, a certeza de que a doença e o vírus foram eliminados de todo o continente americano (BRASIL, 2004).

O declínio acelerado da mortalidade por doenças imunopreveníveis nas décadas recentes, em nosso país e em escala mundial, serve de prova incontestável frente ao enorme benefício que é oferecido às populações através das imunizações. Esta melhora só foi possível, através do avanço tecnológico na produção das vacinas, associados às condições de conservação (rede de frio), capacitação das equipes de saúde e a manutenção de altas coberturas vacinais (KOTI, 2010). Todas essas conquistas contaram com a colaboração de muitos profissionais, que se empenharam para que a qualidade da assistência à saúde fosse ampliada a todos os seguimentos da população (LOPES, 2014).

O armazenamento, manuseio e a administração dos imunobiológicos são funções exclusivas da enfermagem, por isso, os profissionais da área necessitam estar capacitados para efetuarem os cuidados necessários para garantir a qualidade e eficácia das substâncias (OLIVEIRA, et. al., 2009).

Por ser um tema de relevância mundial, esse trabalho tem como objetivo conhecer a atuação da equipe de enfermagem na sala de vacinas e as suas funções frente ao processo de imunização.

2. METODOLOGIA

Este trabalho consta de uma revisão narrativa e foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica na biblioteca *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), com os descritores: imunização e enfermagem no período compreendido entre os anos de 2009 a 2014. A busca das referências foi realizada no mês de Julho de 2015. Foi desenvolvida a partir de materiais já elaborados, ou seja, de referências teóricas publicadas que permitiram uma melhor análise dos processos e resultados (GIL, 1999).

A pesquisa na bibliografia oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras (MARCONI; LAKATOS, 2009).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No SciELO foram encontrados 17 (dezessete) trabalhos publicados. Na leitura seletiva, 6 (seis) estudos se enquadraram no objetivo desta pesquisa, a qual foi elaborada refletindo sobre de que forma a enfermagem, está atuando na sala de vacinas e contribuindo para a prestação de uma assistência de qualidade. Os parágrafos abaixo sintetizam os resultados encontrados.

As vacinas são indutoras da resposta imune específica que inativa, destrói ou suprime o patógeno. Podem ser produzidas a partir de microorganismos mortos, vivos atenuados, derivados de microorganismos ou ainda recombinantes obtidos por engenharia genética (LOPES, 2014).

A imunização reduz a morbimortalidade por doenças imunopreviníveis, principalmente dentre a faixa etária de zero a cinco anos de idade, acarretando na erradicação e/ou controle de doenças como o sarampo, varíola, poliomielite e raiva humana. Porém, se faz necessária a adoção de medidas para garantir a manutenção da qualidade dos imunobiológicos, pelo fato de serem termolábeis e necessitarem de refrigeração adequada (OLIVEIRA, et. al., 2009).

A enfermagem possui papel fundamental na conservação do material e tem participado ativamente das ações de execução do Programa Nacional de Imunização. Através da aplicação de treinamentos, o trabalho é desenvolvido com conhecimento técnico e científico (ARAÚJO, et. al., 2013).

O enfermeiro é quem realiza os pedidos referentes à quantidade necessária de doses, para suprir o posto de vacinação de sua responsabilidade, levando em consideração o número de clientes cadastrados em sua área. Precisa ainda, efetuar alguns cuidados para garantir a qualidade dos imunobiológicos como: Fazer a leitura da temperatura diariamente, no início e ao final da jornada de trabalho, pois a mesma deve funcionar em temperaturas entre 2° a 8° graus; fazer o degelo a cada 15 dias ou quando necessário; Não colocar elemento na geladeira que dificulte a circulação de ar, utilizando-se de bandejas perfuradas para acomodação dos frascos (SOUZA, et. al., 2013).

Segundo XIMENES, et. al. (2012), além dessas responsabilidades, a equipe de enfermagem que trabalha na sala de vacinação deve ainda: orientar e

prestar assistência à clientela com segurança, responsabilidade e respeito; prover periodicamente as necessidades de material e imunobiológicos; acompanhar as doses de vacinas administradas de acordo com a meta; buscar faltosos; manter registro através das fichas espelho; divulgar os imunobiológicos disponíveis; avaliar e acompanhar as coberturas vacinais e buscar periodicamente atualização técnica-científica.

Se faz necessário ainda, que as equipes de saúde elaborem estratégias que despertem o interesse e envolvimento da população no cuidado a sua saúde. Algumas alternativas como lembretes, busca ativa de faltosos, educação em saúde, envolvimento das escolas e profissionais, cooperam na construção de um modelo de saúde em que a população seja consciente sobre a real importância da imunização (KOTI, 2010).

Diante do exposto, considera-se também que além de todos os cuidados com a preservação dos imunobiológicos que necessitam ser cumpridos de acordo com as notas técnicas é necessária uma atenção permanente com a maneira de administrar as vacinas, a qual deve ultrapassar os limites da técnica procedural adequada, visando a prestação de um serviço humanizado.

4. CONCLUSÕES

No decorrer dos anos, a área de imunização se expandiu aos mais variados âmbitos da sociedade, contribuindo para a erradicação de algumas doenças e controle de outras. Porém, ainda há muito a ser feito. É preciso empenho para continuar a oferecer vacinas de qualidade a todas as crianças que nascem diariamente. A enfermagem tem sido fundamental nesse processo, atuando como protagonista do cuidado e na gerencia da sala de vacinas.

A formação acadêmica do enfermeiro para atuar frente ao processo de imunização só torna-se completa ao se observar a metodologia de ensino voltada para a parte “fria” com as técnicas e procedimentos do ato de vacinar, e para a parte “quente”, com o sentimento e preocupação com a dor gerada pelo procedimento, buscando amenizá-la com cuidados como o simples fato de colocar a criança no colo de sua mãe, oferecer o seio durante o procedimento, e utilizar-se de estratégias lúdicas para o entretenimento dessa criança e consequente diminuição do sofrimento gerado.

Visto isso, torna-se condição *sine qua non* que a educação permanente seja instituída como método de reciclagem de conhecimentos, a fim de garantir que os imunobilógicos sejam conservados e administrados com as doses e períodos preconizados. Nesse sentido conclui-se que o profissional enfermeiro que recicla seus conhecimentos e técnicas continuadamente, buscando capacitação profissional voltada para sua área de trabalho, no caso, sala de vacinas, e que realiza seus deveres de maneira ideal e completa, contribuem para o progresso da saúde e a melhora das condições de saúde de toda a população.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, A. C. M.; GUIMARAES, M. J. B.; FRIAS, P. G.; CORREIA, J. B. Avaliação das salas de vacinação do Estado de Pernambuco no ano de 2011. **Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 22, n. 2, p. 255-264, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Programa Nacional de Imunizações**. Brasília: Ministério da Saúde, 2003. 212p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil.** Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2004. 184p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sistema de Informação do programa Nacional de Imunizações.** Brasília: DATASUS Ministério da Saúde, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. **Cronologia Histórica da Saúde Pública.** Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LOPES, M. H. Imunizações: importante campo para atuação do infectologista. **Revista de Medicina**, v. 93, n. 2, p. 52-55, 2014).

KOTI, K. C. E. V. **Avaliação das salas de vacinas na rede básica do Município de Marília.** 2010. 114f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Enfermagem, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2010.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SOUSA, S. L. P.; MONTEIRO, A. I.; ENDERS, B. C.; MENEZES, R. M. P. O enfermeiro na sala de vacinação: uma análise reflexiva da prática. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 4, n. 2, p. 95-102, 2013.

OLIVEIRA, V. C.; GUIMARÃES, E. A. A.; GUIMARÃES, I. A.; JANUÁRIO, L. H.; PONTO, I. C. Prática da enfermagem na conservação de vacinas. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, v. 22, n. 5, p. 814-818, 2009.

XIMENES, F. R. G.; ALVES, P. A.; CHAGAS, M. I. O.; PONTE, M. A. C.; MELO, M. S. S.; CUNHA, I. C. K. O. Análise do perfil e das práticas dos auxiliares e técnicos de enfermagem em sala de vacina na Estratégia Saúde da Família. **Revista Enfermagem Brasil**, v. 11, n. 2, p. 69-79, 2012.